

## Contar vidas e narrar histórias

Adriano Denovac<sup>1</sup>

AVELAR, Alexandre de Sá. SCHMIDT, Benito Bisso (orgs). *O que pode a biografia*. São Paulo (SP): Letra e Voz, 2018.

Biografia e história são termos que no decorrer do tempo se confundem, são tomados por vezes como elementos complementares. A biografia se relaciona de forma íntima com a literatura a história e o jornalismo. No campo da historiografia ela já representou verdades, construiu heróis e heroínas, também já foi pensada como falsa ineficaz ou ilusória, contar e se inspirar em histórias de vidas é ato muito antigo. No tempo presente existe um retorno à biografia como potência na compreensão de processos históricos e das pessoas envolvidas neles, a historiografia contemporânea reconhece as narrativas individuais relacionadas com os contextos históricos ou por si mesmas elas representam possibilidades para a historiografia.

Talvez o caminho agora não seja apenas tentar compreender a História por meio de uma experiência de vida e nem pensar essa vida estritamente no compasso da trama histórica, a obra aqui resenhada nos provoca a repensar não só o escrever biográfico à luz da história, mas trazendo para o jogo também quem biografa.

O livro *O Que Pode a Biografia*, organizado pelos historiadores Alexandre de Sá Avelar e Benito Bisso Schmidt, e disponibilizado no mercado editorial pela Letra e Voz em 2018, tem como objetivo central retomar o debate sobre a biografia, uma vez que, como já mencionado, há um reaparecimento de obras biográficas, e notadamente no campo da História, dialogando de forma mais direta com o campo da História Pública, neste sentido a biografia tem um papel importante, na perspectiva de que ela é atraente para o público em geral, e pode comunicar os saberes de forma mais simples, mas não menos reflexivas, notadamente a obra não pergunta, mas afirma o lugar da biografia na escrita da História.

Alexandre Sá Avelar é historiador de formação pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (1997) e atua como professor associado na Universidade Federal de Uberlândia, possui várias obras publicadas com foco na escrita da História e biografias. Benito Bisso Schmidt também tem a História como campo de formação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1992), pesquisa temas como gênero biográfico, história social da memória, história do

---

<sup>1</sup> Doutorando em História - FAED/UDESC -Programa de Pós-graduação em História -Linha de Pesquisa: Políticas de Memória e Narrativas Históricas -AYA Laboratório de Estudos Pós-Coloniais e Decoloniais.

trabalho e atualmente realiza estágio sênior na Brow University (EUA), com bolsa CAPES<sup>2</sup>. Os autores haviam organizado *Grafia da Vida* (2013) também pela editora Letra e Voz, no qual o debate sobre a biografia também está colocado e discutido por diversos profissionais e agora ampliados de forma erudita e sensível em *O que Pode a Biografia* (2018).

A obra discute diversas possibilidades de análise biográfica, a introdução escrita pelos autores dá o rumo do que a obra pretende, da desconfiança que a biografia despertou e desperta como gênero na historiografia, até possibilidades que possam dirimir essas desconfianças a partir de estruturas teórico-metodológicas que permitam discutir e demonstrar a utilização da biografia como forma privilegiada de construção de narrativas históricas que possam ser conhecidas não somente pelos pares.

*O Que Pode a Biografia* (2018), contém 12 ensaios sobre o tema, os textos estão divididos em dois eixos que são: *horizontes teórico-metodológicos e experiências de leitura e pesquisa*. Conta com nomes bastante conhecidos na historiografia brasileira, como Mary Del Priore, que faz um apanhado histórico da biografia, partindo do princípio que é uma das primeiras formas de história e discutindo os desafios para os historiadores e historiadoras brasileiros(as) na contemporaneidade. Laura de Mello e Souza, que atualmente é professora na Sorbonne em Paris, parte de sua experiência de pesquisa em Turim na Itália e a partir de um encontro com o personagem histórico do século XVIII, Vitório Alfieri, através do “livrinho” *Vida*. A autora faz uma análise dessa vida no tempo, iluminando o passado e o presente em sua discussão e revelando tramas da pesquisa biográfica.

Margareth Rago confessa *Nos Bastidores da Pesquisa* ser inspirada pelo historiador paranaense Tony Hara e pela crítica feminista norte-americana Elaine Showalter em seus estudos que ela nomina de “histórias das vidas singulares de mulheres”, ela pontua os problemas que uma pesquisa dessa gama traz, bem como suas motivações e estratégias, como por exemplo, optar pela noção de “escrita de si” desenvolvida por Michael Foucault.

O brasilianista e ativista pelos direitos LGBT+, James Naylor Green, analisa a vida de Herbert Daniel, que foi um militante engajado na luta armada contra a ditadura militar e a quem não foi concedida a anistia em 1979. Neylor remonta através de cartas e de publicações da época a relação entre a sexualidade de Herbert e sua permanência no exílio, ele revela sua relação com o sujeito de análise, como produz a busca em sua pesquisa e destaca o encontro com a mãe de Herbert, em um momento absolutamente sensível do texto.

---

<sup>2</sup> Todas as informações sobre os autores da obra aqui resenhada são oriundas da plataforma LATTES – CNPQ, acesso em 27/11/2018.

No eixo teórico-metodológico da obra destacam-se, *Os usos da biografia pela Micro-História italiana: interdependência, biografias coletivas*, de Deivy Ferreira Carneiro. O ensaio marca a contribuição metodológica que a Micro-História italiana trouxe a partir dos anos 80 e de que maneira esse mesmo campo pensa a biografia segundo os desafios propostos para o século XXI, como estas bases teóricas podem contribuir para pensar os “ressurgimentos dos sujeitos como agentes históricos”. O debate microanalítico que o ensaio provoca, convida o (a) leitor (a) a pensar que reduzir a escala de observação na análise de uma vida, não retira essa experiência de vida do contexto histórico mais amplo, e sim revela uma vida cheia de incertezas, elemento que autor do ensaio destaca para afirmar que a biografia não deve mais ser produzida como “nos séculos anteriores”.

No campo da História do Tempo Presente, o ensaio *Contar a Vida em uma Época Presentista*, de Benito Bisso Schmidt, trata da polêmica das autorizações prévias para a publicação de uma biografia a partir do julgamento do Supremo Tribunal Federal brasileiro em 2015. Que discutia e decidia sobre a necessidade de aprovação por parte dos biografados (as) ou de seus familiares, para aqueles que desejam biografar vidas.<sup>3</sup>

O texto aponta as influências dos Regimes de Historicidade pensados por François Hartog, que são fundamentais para o campo da História do Tempo Presente. O autor toma as explanações dos ministros que julgaram o caso, com ênfase no voto da ministra Carmem Lúcia. O ensaio torna explícito nos discursos as marcas do Presentismo, que segundo Hartog são as interrogações pós-guerra fria, às demandas de esquecimentos, degradação das utopias revolucionárias e aceleração das transformações que ocasionaram uma crise do futuro, cedendo lugar ao Presente (HARTOG 2013). O texto questiona se a biografia se inscreve na celebre frase de que o “passado ensina”. Questionando também o conceito de Presentismo.

O aspecto ilusório e fictício da biografia merece uma discussão no ensaio de Maria da Glória Oliveira. Ela analisa argumentos que desqualificam o uso da biografia na construção do conhecimento histórico, bem como ressalta a narrativa como elemento que vai mediar uma história de vida, ou seja, isso só é possível a partir da narrativa. Ela o faz dialogando com Paul Ricoer e Sabina Loriga, em uma discussão sobre experiência do tempo e identidade narrativa. O texto provoca a historiografia, ao sugerir que um certo rigor no fazer histórico, não permite que essas vidas narradas sejam percebidas em relação ao social como na antropologia e na sociologia.

---

<sup>3</sup> Ação direta de inconstitucionalidade (ADI) nº 4.815, 2015. Artigos 20 e 21 do Código Civil.

A segunda parte do livro tem seu foco nas experiências de pesquisa, em muitos momentos as vidas pesquisadas tangenciam com a vida de quem as pesquisa. *Marcello Caetano: Sobre a Travessia de Uma Pesquisa*, de autoria de Francisco Martinho, professor da USP, demonstra a trajetória de uma pesquisa biográfica, da escolha do tema à seleção da documentação utilizada na construção da biografia. Todo esse movimento se mistura com parte da vida do próprio autor, a maneira como o texto é escrito demonstra como esse mosaico de relações se constitui em um texto histórico, o texto tem um tom intimista pois o autor conversa de forma direta com o(a) leitor(a).

Uma intrigante narrativa sensível é o último ensaio de *O Que Pode a Biografia* (2018), de Temístocles Cezar, professor do departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Nele o autor narra de forma absolutamente literária e biográfica a partir de um trabalho de conclusão de uma disciplina, intitulado por uma aluna de *Um Ser Humano Provisório*. Esse belo jogo de palavras arquitetado pelo autor de forma sensível e filosófica articula o conto Baterblay, de Melville, com o texto da aluna e também com Marx, Hegel, Kafka, Deleuze, Agambem, Machado de Assis e Nulisseu, que é pseudônimo da aluna no referido texto produzido.

De forma totalmente erudita ele discute a possibilidade do ser que nega ser histórico, o ser que não se deixa biografar, pois se quer não-histórico. Provoca também a possibilidade que a narrativa histórica traz como potencial ponto de ruptura para cada indivíduo(a) dentro do universo histórico-literário. Trata-se da história de um professor que atônito com o texto de uma aluna, cai no vale profundo dos questionamentos que uma vida tem para a história, não só com a aparelhagem erudita, mas imbuído de uma sensibilidade rara, muito rara na historiografia. Quando isto está posto o professor revela que recebeu uma carta da aluna um pouco antes de fechar o ensaio para *O que pode a Biografia* (2018). O desfecho? Para além de pensar a continuidade histórica, nos provoca sobre a vida, o vazio, o sentido da História.

A obra aqui resenhada é sem dúvida um trabalho excepcional de organização de ensaios sobre biografia, certamente tem relação com a larga experiência dos historiadores que organizam a obra, mas também com uma perspectiva diferente, o olhar de quem busca incessantemente entender vidas a partir de outras vidas, e que para isso só as ferramentas teóricas da história não bastam, talvez por isso o livro tenha dois eixos, sendo que um deles é evidentemente mais teórico-metodológico que o outro, mas notadamente, não é possível pensar biografias, sem sentir as vidas que se quer narrar, sem problematizar a partir de outros

elementos e experiências, talvez entender e aplicar que a História não é só sobre a vida, uma vez que em outra dimensão a História é vida!

Essa obra não é indicada só aos(às) pesquisadores(as) e produtores(as) de biografias, mas para qualquer pessoa que se interessar por narrativas individuais, que de verdade não são tão individuais assim, que não são tão trágicas ou tão farsantes assim. É alentador para quem se interessa por vidas e história encontrar uma obra como essa.

Terminei de ler o livro com a certeza de que há algo de novo na relação história e biografia. Seu ressurgimento com mais intensidade nas últimas décadas talvez tenha relação com o profundo vazio de si que o ser da pós-modernidade experimenta (HALL, 2002). Uma história vazia de sentido se afasta dela mesma, de nós mesmos.

### **Referências Bibliográficas**

AVELAR, Alexandre de Sá. SCHMIDT, Benito Bisso. *O que pode a biografia*. São Paulo (SP): Letra e Voz, 2018.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Guaracira Lopes Louro, 2002.

HARTOG, François. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

Recebido em 11/12/2018. Publicado em 10/01/2019.